

Mailson acha que não cumprir meta de 89

Manoel Francisco Brito

Correspondente

WASHINGTON - "Nós talvez não vamos cumprir a meta de manter o déficit público em 2% do PIB para 1989", admitiu ontem, depois de duas horas de conversa com o diretor do Fundo Monetário Internacional (FMI), Michel Camdessus, o ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega. "Mas ele não será tão catastrófico. A situação do Tesouro Nacional não é aquela propalada por algumas pessoas e temos argumentos fundamentados para garantir que ela está sob total controle", argumentou o ministro, sem contudo citar os números que dão razão à sua esperança nem tampouco os autores do que chamou de alarmismo sobre a questão do déficit.

De qualquer modo, Mailson, que exibia um ar tranquilo e soridente, indicou que a situação talvez não esteja assim tão controlada. "Nós precisamos domar este animal chamado déficit público", afirmou, depois de fazer uma profissão de fé na economia brasileira. "Ela é mais forte que os erros do governo", filosofou o ministro, citando como exemplos o desempenho do setor privado, das exportações e da agricultura no Brasil. Mailson usou um trecho do livro *A marcha da insensatez*, de Barbara Tuchman, para se explicar melhor: "O mundo se modernizou, mas os governos permanecem atados às formas arcaicas de governar".

Apesar da frase de efeito, mais uma vez, Mailson evitou lhe dar um caráter mais concreto, recusando-se a comentar o que via de errado nas práticas do governo. "Não é apropriado", esquivou-se. Sobre suas conversas no FMI, o ministro assegurou que, apesar da questão fiscal emperrar um pouco a discussão sobre as metas que o país terá que cumprir este ano, para que o acordo assinado com a instituição em 88 continue em vigor, o governo tem condições de demonstrar que detém o comando da economia.

"No nosso encontro no Fundo, verificamos que a continuidade do acordo assinado com o Brasil é importante para viabilizar nossas conversas futuras com as instituições multilaterais e os bancos", disse o ministro.